

DON QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini

Largo da Carioca nº 4 (Sobrado)



D.Q. — A vassoura sempre serviu...
S.P. — Lá se foi o chefe Silvado... Coitado!

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 27 de Janeiro de 1900

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 30\$000
Semestre..... 14\$000	Semestre..... 16\$000

NUMERO AVULSO 1\$000

EXPEDIENTE

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E AOS QUE O
QUEREM SER

Pedimos aos nossos assignantes dos Estados a bondade de mandarem reformar suas assignaturas, ou por intermedio de seus correspondentes n'esta Capital, ou por meio de carta registrada com vale postal do valor da assignatura.

Podem igualmente enviar a importancia da mesma em dinheiro dentro de uma carta, devendo ser esta registrada e com a declaração da importancia no envelope.

Aos assignantes d'esta Capital fazemos identico pedido.

Todas as pessoas que assignarem o nosso jornal receberão como premio alguns numeros que tratam das festas ao general Roca, por occasião de sua visita a esta Capital.

Toda correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini para o nosso escriptorio—Largo da Carioca n. 4, sobrado.

O Dr. Americo de Campos
NA ITALIA

Pobre Americo !...

A ultima vez que o vi foi em Novembro de 1895, em Napoles.

Mal tinha chegado o trem que partira de Roma, saltei do vagon segurando uma mala de mão e, atravez da enorme quantidade de individuos que berravam aos meus ouvidos diversos nomes de hotéis, consegui, não sem difficuldade, sahir da estação sempre seguido dos taes caçadores de viajantes, cuja missão é levar estes com armas e bagagens para alguns dos melhores hotéis, que têm carrões especiaes para esse fim.

Com muito custo segurei a mala e alguns embrulhos, que todos queriam carregar.

Uns me apontavam um carro do hotel tal outros de outro hotel, e eu nada decidia, não me movia do lugar; estava devéras atordoado e atrapalhado com tanto barulho, tanta *eccellenzia*, tanto *monsiú* e tantos pedidos para ir n'este ou n'aquelle albergue.

Ao ver a expansão d'aquellas caras implorando a minha escolha, não pude conter-me e soltei prolongada e sonora gargalhada.

Essa minha hesitação em escolher um dos

taes vehiculos fez com que meia duzia de carros de praça se approximassem.

Alguns cocheiros ficaram sentados na boléa e outros apearam.

Ahi então começou um verdadeiro sarilho de pilherias misturadas de descomposturas entre estes ultimos e os que me rodeavam.

Um dos cocheiros, approximando seu carro do lugar em que me achava, com todo o vagar, olhava para mim com um ar tão expressivo, que comprehendí a manobra. Dei um pulo no carro e os animaes, fustigados n'essa mesma occasião por valente chicotada, distanciaram-me rapidamente do enfadonho e barulhento grupo.

Tremenda vaia contra mim e o cocheiro ecoou logo, o que nos fez rir.

Ao mesmo tempo vi enorme quantidade de meninos de oito a doze annos, mais ou menos, correndo atraz do carro, gritando: *cellenzia, un soldo*.

Com pena de os ver assim correr com tanta insistencia, dei-tei-lhes uns vintens, que pedi emprestados ao cocheiro, por não ter troco, e atirei-os no meio d'elles.

N'um instante formou-se um montão extraordinario de crianças, umas em cima das outras a empurrarem-se, rolando pelo chão, puxando-se pelos cabellos, soccando-se, agitando pernas e braços, formando um grupo dos mais phantasticos que conseguí ver atravez da nuvem de poeira levantada pelo carro na sua vertiginosa carreira.

Livres afinal de toda essa barulhada, o cocheiro perguntou onde devia levar-me.

— Ao consulado brasileiro, disse-lhe.

— *Una brava pèrsona, il console*, respondeu elle.

— Você conhece-o ?

— *Euh!*... respondeu, assim como quem diz: ora, si eu o conheço...

Sympathisei logo com o cocheiro.

D'ahi a uns vinte minutos parámos á porta de um antigo palacio.

Era ahi o consulado. Vi as armas e a bandeira brasileira.

O leitor não imagina que prazer se sente, quando se está no estrangeiro; ao vêr os emblemas ds patria!

Paguei generosamente ao cocheiro, que curvou-se tanto para agradecer, que parecia querer beijar-me os pés.

Mal sabia elle a razão da minha generosidade; fora ter dito que o consul brasileiro era uma boa pessoa.

Pareceu-me até que, quando agradeceu, chamou-me *marquez* ou *duque*.

Subi a escada rapidamente. Uma criada levou-me a um gabinete perto da sala onde se achava o Americo. Fez-me parar alli, e indo espiar voltou, dizendo-me:

Il console dorme.

Resolvi então esperar que elle acordasse, e pé ante pé fui espiar tambem o meu velho amigo companheiro e redactor do *Cabrião*, ao qual não via desde 1886.

Mas elle não dormia, apenas cochilava; de vez em quando abria e fechava os olhos. Estendido sobre um *chaise-longue*, com o corpo recostado em almofadas, tinha em redor de si grande quantidade de livros e jornaes collocados sobre cadeiras, sobre outros moveis e até no

chão; vasos com flores aqui e alli em profusão, sobre tudo perto da janella e na sacada.

A um movimento que elle fez para pegar em um livro, resolvi entrar.

Dei uns cinco passos na sala, que era vasta, e parei. Nossos olhos fitaram-se uns segundos; vi os d'elle abrirem-se como que admirados, suas faces pallidas, macilentas, ficaram levemente rosadas, os labios esboçaram um sorriso e...

O' Angelo! exclamou elle, como que duvidando da minha presença tão inesperada, ou julgando sonhar.

Eu mesmo, respondi. Então elle abriu os braços e eu apertei o peito desse bom amigo e valente companheiro.

Foi commigo que Americo de Canpos estreou na imprensa, em 1866, no jornal illustrado *Cabrião*. Comprehendemo-nos immediatamente. Ambos de caracter firme e, pôde-se dizer, temperado como o fino aço, emprehendemos um genero da publicação então pouco conhecido e que não deixava do ser um tanto arriscado.

Era, nosso companheiro tambem o Dr. Antonio Manuel dos Reis, boa pessoa, mas algum tanto carola e que acabou por deixar a redacção, depois de algumas discussões calorosas commigo, por eu andar pintando uns padres no jornal e o S. Pedro com cachimbo na bocca, o que muito divertia o Americo, que tomava barrigadas de riego.

Voltando a Napoles...

Logo á primeira vez que jantei com o Americo, elle disse-me:

— Você não reparou uma mudança no meu systema de comer?

— Para fallar com franqueza... Distrahido com a conversa, não observei cousa alguma.

— Não vês que não ha nenhum assucareiro na mesa?

— Ah! já sei... Então já não comes assucar ao jantar?

— E' verdade, pôdes dizer aos amigos, quando voltares para o Brasil, que deixei de todo o assucar.

— E o teu legendario *cache-nez*?

— Uso d'elle ás vezes quando faz frio.

— Uma cousa que achei singular foi o cocheiro que me trouxe da estação, dizer-me que te conhecia e que eras um *bravo console*.

— Não admira, toda essa gente do povo me estima. Eu não duvido, si um cocheiro me serve bem, dar boa gorgeta; pagar melhor que outros as flores que compro ás floristas; não passo nunca diante de um pobre que não ponha a mão na algibeira, e outras cousas que seria longo enumerar.

Passo por um original porque ás vezes esqueço-me de que vim de alguma função official e paro diante de um grupo de lazzaronis que dansam a *tarantella*, ou cantam alguma deliciosa canção napolitana.

Quem passa a certa distancia, vendo no meio d'aquelle povo, tão vivo e alegre como o são as côres de seus pittorescos vestuarios, um sujeito todo de preto, de cartola e casaca, pergunta naturalmente:

Quem é aquelle cavalheiro que lá está ouvindo aquellas cançonetas ao som dos pandeiros?

E' il console del Brasile, una buona persona, é o que respondem logo.

— Isto até daria um quadro original, aquella nota preta no meio de cores tão vivas.

— Imagine, continuou o Americo, que uma vez me aconteceu uma dos diabos.

Era um dia de recepção no palacio do príncipe herdeiro.

Todos os consules lá iam e eu não podia deixar de comparecer.

Quando parou meu carro diante do portão principal, ao apear-me, deparei com um taboleiro, do outro lado da rua, sustentando uma pyramide de magníficos pecegos.

Como tinha vindo um pouco tarde, devido a minha gravata branca que, por mais que quizesse endireital-a ao pescoço, minha criada teimava que estava torta, supuz que todas as autoridades civis e militares e consulares já tinham chegado ao palacio e que podia, portanto, sem risco de ser visto, comer um ou dois pecegos.

Eram tão bons que dispuz-me a comer meia dúzia, quando ouvi o rodar de um carro puxado por bellissima parelha.

Apenas tive tempo de engulir o terceiro pecego e por pouco também o carço. Peguei nos outros três e metti-os no bolso de uma das abas da casaca.

Ao entrar no palacio esbarro com um alto personagem, parente do rei, o príncipe... não me lembro agora o nome.

— Não importa, vá contando.

— Elle acabava de apear do tal carro e, vendendo-me, chegou-se a mim: *Caro console, tanto piacere de vederlo...*

Retribui o melhor que pude o cumprimento, esfregando meus bigodes e pira com o lenço, caso algum signal de pecego ali estivesse, e subi a escadaria de marmore, ao lado do príncipe, cada vez mais mais amavel, talvez por eu ser republicano...

Era extraordinária a quantidade de figurões que lá estavam a espera do Príncipe real.

Afinal este chegou. Fez-se ala para o deixar passar, o que produziu grande aperto do lado em que me achava.

O calor era medonho!

Puxei do lenço para limpar o suor que me corria pela testa, e ouvi o som surdo de um pecego maduro cahindo no soalho. Estremeci!

Impossível apanhar-o; iam sempre recuando. O suor que banhava minha testa ficou repentinamente frio.

O Príncipe avançava sempre cumprimentando uns e outros, quando de repente um grito, seguido de um baque e de mais outro, encheu-me de espanto! Era o consul inglez que, na occasião de cumprimentar o Príncipe, escorregou e estendeu-se aos pés de Sua Alteza, arrastando consigo seu collega o consul allemão. O desgraçado pisara no meu pecego!

Escuso dizer-te que tratei logo de me pôr ao fresco, e sahi do palacio ou antes fugi.

..

Dias depois, ao despedir-me do velho amigo, muito me recommendou elle que tornasse

a ir a Milão e que abraçasse por elle a Mimi, a Nina, a velha e o Alfredo.

Mimi era a Clotilde Maragliano; Nina, a sua irmã, maestra de musica e piano, diplomada pelo mais importante conservatorio da Italia; a velha era a mãe, senhora ainda forte e robusta, que acompanhava suas filhas em todas as peregrinações artisticas, tanto na Europa como na America, com o Alfredo, um bom filho e dedicado irmão.

Chegando a Milão fui cumprir as ordens do Americo e abracei-os todos por conta d'elle e pela minha, pois que também sou um velho amigo d'essa familia.

A mamã Maragliano preparou um excellent *rizotto* para o jantar, e abí testemuhei quanto essa familia era grata ao Americo.

— Não foi somente um protector, foi um pai para nós, dizia a Clotilde; a elle devemos a nossa carreira artistica.

— Também garanto, cara Mimi, que é com o maior orgulho e satisfação que elle me falla de ti e da Nina. Lá em Napoles contou-me todos os teus triumphos alcançados nos diversos theatros da Italia e de outros paizes.

..

Os jornaes de S. Paulo unanimemente prestaram homenagem ao Americo, fazendo-lhe justiça, tanto como jornalista, como homem honesto, intelligente e patriota.

Foi no *Correio Paulistano* e *Diario Popular* que o Americo creou fama de bom jornalista.

Como velho amigo e antigo compaíheiro no jornal illustrado *Cabrião*, publicado em S. Paulo em 1866 e 67; escrevi esta noticia que não é mais que a impressão saudosa de uma viagem a Napoles.

Vê-se que não era mais o Americo jornalista e, como consul, era um consul original. Mas, todos o estimavam porque era bondoso, gostava do povo e das flores, amava as artes e a musica e conseguiu o seguinte:

Ver platéas entusiasticas applaudirem freneticamente uma artista brasileira e jornaes europeus tecerem-lhe os maiores louvores.

A mim me agrada mais isto do que saber que o consulado de Napoles declarou no seu relatorio terem vindo para o Brasil tantos barris de vinho Chianti ou Barbera ou tantas caixas de maccañoni.

ANGELO AGOSTINI.

O BISPO DE S. PAULO

Eis o que diz um telegramma do dia 26:

« O bispo diocesano prohibiu que fossem resadas as missas annunciadas por alma do Dr. Americo de Campos, pretextando ter sido o finado maçon.

O *Estado* e outros jornaes commentarão amanhã o facto, lamentando essa medida e considerando-a odiosa, visto que nunca foi applicada a outros maçons aqui fallecidos. »

Sem esperar o commentario dos col-

legas de S. Paulo, desde já declaramos que esse bispo ou é maluco e deve ser enviado para o hospicio, ou é um idiota e merece que façam uma manifestação bastante significativa, para que largue o logar e seja substituido por outro prelado mais intelligente.

Ninguém ignora o que é entre nós a maçonaria. Todos sabem que não passa de uma sociedade de beneficencia, em que os irmãos maçons não têm outro fim sinão ajudarem-se uns aos outros.

Tambem é muito sabido que na propria maçonaria têm havido e talvez ainda haja muitos padres que não julgam que o bode preto representa o diabo.

E é publico e notorio que todas as irmandades religiosas, que sustentam egrejas, padres e estabelecimentos de caridade, são compostas em sua maioria de irmãos que são também maçons.

Respeitamos muito o clero, quando este é criterioso e digno de respeito, mas quando, pelo contrario, elle se mostra estupidamente intolerante; não nos merece nem respeito nem consideração e achamos que o proceder do bispo de S. Paulo, acerca de um cidadão como Americo de Campos, tão digno, tão honesto, tão illustre, é merecedor da maior censura e que os nossos colleges saberão dar-lhe a devida lição.

Si esse Sr. bispo entende levantar de novo uma questão religiosa para escandalisar suas ovelhas, cá estamos para sustentar que o sentimento patriotico deve estar acima do ultramontano.

A patria primeiro, Roma depois.

CIRCULAR MODELO

Si eu fosse empregado da Estrada de Ferro Central, quer como chefe de secção, engenheiro, machinista e até mesmo guarda-freio, eu pegaria n'aquella circular copiava-a com a minha melhor letra, em papel escolhido e bem alvo, e, em seguida, mandava enquadral-a em moldura dourada e rica.

Collocando-a em logar de honra na minha sala, todos os dias olharia para ella.

Eis a circular:

« Estrada de Ferro Central do Brasil—Directoria—N. 5—Circular—Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1900—Ao pessoal da Estrada de Ferro Central do Brasil.—Nos paizes cultos da Europa não se encontram guardas nos jardins e passeios publicos. De distancia em distancia depara-se, porém, com um poste com o seguinte aviso: *Este jardim está confiado á guarda do publico.*

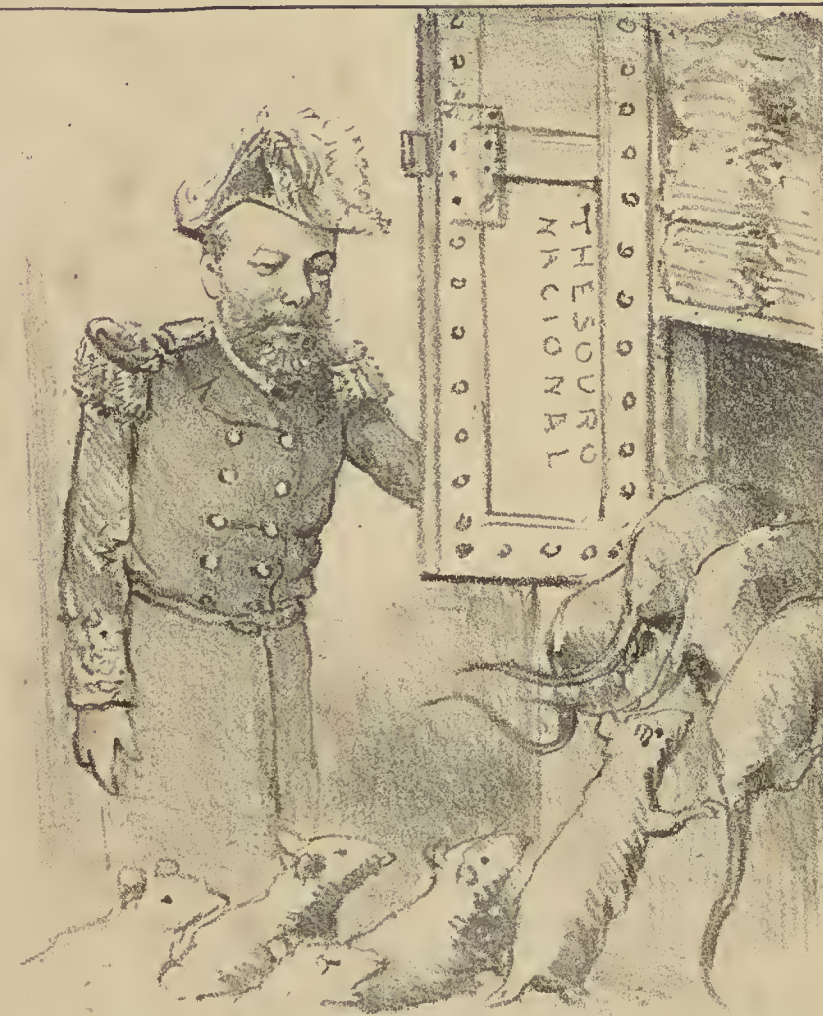
E ninguém pisa na relva, ninguém tira uma flôr, ninguém maltrata as avesinhas



Segundo a carta do Dr. Brasil Silvano, foi elle quem tudo fez durante a greve. Portanto, a ordenança do Chefe foi o ministro Dr. Epitacio Pessoa. Rectificamos em tempo!!...



O effeito da tal carta não tardou a se fazer sentir, e o Dr. Brasil Silvano foi apeado de seu lugar.



O Almirante Nuno, cada vez mais zeloso em combater a supposta bubonica, arranhou mais uma dúzia de roedores.



No fim de tudo, havemos de ver quem causou mais prejuizos; Se eu ou se aquelles que pretendem guerrear-me.



Em S. Paulo, acerca das exequias de um illustre brasileiro, o bispo ameaça o bode preto da maçonaria.

Do que pôde resultar...

Nosso collega "A Imprensa" tem dado a entender que um cão de fila pertencente à comissão medica, impede os pobres doentes de consultarem o Dr. Eduardo Silva.

Menores que acabam de sair da Detenção, entre elles alguns feridos, declaram haver nessa casa um monstro que os quer devorar.!

alli postas para regalo do publico e felicidade das crianças.

Imitando tão bello exemplo, esta directoria confia a guarda da Estrada de Ferro Central do Brasil ao seu pessoal, e fica certa de que, se algum malfeitor tentar perturbar a ordem, a disciplina e a segurança publica, que aqui reinam e fazem o nosso orgulho, o pessoal da estrada saberá conter o desalmado e procederá de modo a, de uma vez para sempre, provar que a Estrada de Ferro Central do Brasil está sob a guarda do seu pessoal. Saude e fraternidade—O director, *Alfredo Maia.*»

Na verdade, nunca vimos até hoje um modo tão acertado, tão significativo, tão eloquente e ao mesmo tempo tão simples de dirigir-se ao pessoal para este bem comprehender seus deveres.

Folgamos de ver que o collega *O Paiz* pensa como nós, escrevendo o seguinte:

« Os termos em que está escripta essa circular são um attestado eloquente do alto criterio administrativo do illustre engenheiro e da confiança que lhe inspira a probidade, já muitas vezes demonstrada, dos que mourejam na Central do Brasil, sob sua esclarecida direcção.

De facto, não poderia o Dr. Alfredo Maia descobrir meio mais seguro de tornar invulneravel a nossa primeira via-ferrea ás tentativas anarchicas dos orphãos do patriotismo, do que essa de entregal-a á vigilancia d'esses honrados homens de trabalho, que, montando sentinella assidua ao posto de onde auferem o pão quotidiano, melhor guardarão a porta dos seus lares, que são igualmente uma dependencia da Patria que os viu nascer.»

A PESTE

Afinal esta famosa peste não é tão terrivel nem tão bubonica como se suppõe. O numero de casos fataes tem sido insignificante, tanto em Santos como em S. Paulo, e realmente pequeno o numero de pessoas que bubonicou.

Entretanto que barulho, que reboiço por entre os nossos esculapios, higienicos e sanitarios, prophylacticos e bacteriologicos!

Que felicidade para elles, que maná cahido do céu para tantos medicos sem clinica, que, graças á peste acharam emprego.

Mas, tambem, que despeza extraordinaria não tem ella causado ao governo e que transtorno em nossas relações commerciaes!

Quantos incómodos e quantos prejuizos graves póde ella ainda occasionar si se desenvolver, como é provavel, devido á quantidade de medicos que o Sr. Dr. Nuno

de Andrade acaba de nomear, sob pretexto de combatel-a.

Ha quem desconfie que ella não existe, pelo menos entre nós, e a ser veridico o caso da Gamboa, não consta que tenha havido outros.

Nós somos dos que não acreditam em semelhante ballela, propalada pelos interessados em occupar grande quantidade de medicosinhos sem clinica e altamente protegidos pelo Director Geral de Saude Publica.

Si realmente existisse a peste bubonica n'esta capital, seriamos os primeiros a applaudir qualquer medida, custasse o que custasse para a combater.

Mas não existindo, achamos que é um crime, em vista do máu estado financeiro do paiz, do commercio e das industrias, n'esta época em que todos procuram fazer economias para se aguentarem no balanço e conquistar, aos poucos, nosso credito já tão abalado.

O Dr. Nuno de Andrade não hesita em commetter esse attentado sem nome, que ainda mais aggrava a situação economica do paiz, causando prejuizos irreparaveis, paralisando todo o commercio e todas as industrias, nossas relações no estrangeiro e nos Estados com as taes quarantenas, ou querendo obrigar, talvez, a fechar de todo o nosso porto.

O que significa essa verificação de obitos. Que ridicula comedia é essa?!

Vejam os leitores esta bella peça:

« O Sr. Director Geral da Saude Publica transmittiu ao Sr. Director Geral de Hygiene e Assistencia Publica, a resolução do Governo Federal que determina que os Commissarios da Hygiene fiquem obrigados á verificação dos obitos que occorrerem nas respectivas circumscripções, de modo a notificarem á Inspectoria de Isolamento e de Desinfeccção, e esta á Directoria Geral de Saude Publica qualquer fallecimento que deva ser attribuido a molestia transmissivel.

A verificação dos obitos será feita de accôrdo com as instrucções urgentes expedidas aos Commissarios de Hygiene pelo Dr. Torres Cotrim.»

Na circular n. 3, por este expedida aos Drs. Commissarios de Hygiene, eis o que se lê:

« Para a boa execução deste serviço extraordinario deveis comparecer á casa onde se verificar o obito, visando o respectivo attestado passado pelo facultativo assistente, se nenhuma duvida houver de que trata de molestia não transmissivel.

No caso contrario, vos absteréis de visar o documento, e communicareis promptamente o occorrido á Inspectoria do Serviço de Isolamento e Desinfeccção, que providenciará de conformidade com as instrucções que lhes são expedidas.

Tratando-se de serviço de caracter urgente e inadiavel, devo scientificar-vos que, embora não occorra o obito na circumscripção a vosso cargo, não podeis furtar-vos a este, desde que a vossa presença seja reclamada.

Saude e fraternidade.—*J. J. Torres Cotrim.*
Srs. Drs. Commissarios de Hygiene, effectivos e auxiliares. »

Sendo pequeno o numero dos actuaes commissarios de hygiene para esse serviço absurdo e inqualificavel de verificação de attestados passados por medicos assisten-

tes, o Dr. Nuno de Andrade nomeou mais uma duzia de medicos á razão de 600\$000 mensaes para cada um, com a mesma facilidade como quem compra e paga uma duzia de ovos.

Imaguem que o cidadão X tem como medico assistente o Dr. Francisco de Castro, Benicio de Abreu ou qualquer outro medico de igual fama para tratar de um doente em estado grave, e que este fallece.

O medico assistente passa o attestado de obito, declarando o genero da molestia.

Chega o Sr. Dr. Fulano dos Anzóes, medico da hygiene, apenas formado ha um anno e declara que não concorda com o attestado do medico assistente. Este passa-lhe uma descompostura e chama-lhe besta.

E' possivel que não se peguem á unha diante do cadaver, mas no dia seguinte os jornaes trazem nos *A pedidos* medonha discussão seientifica, muito parecida com as que se dão na Praia do Peixe.

Como o attestado do medico da hygiene vale mais do que o do medico assistente, apesar de ser um dos clinicos de mais nomeada, o cadaver arrisca-se a passar por todas as formalidades sanitarias, cuja menor é ser queimado, assim como a casa onde estava, com moveis e tudo.

Si em logar d'isso reune-se uma commissão de medicos *ad hoc* nomeada para resolver sobre o caso, é possivel que se descubra que os taes bubões, que o medico higienista Fulano dos Anzóes declarou serem bubonicos, não passam de umas glandulas limphaticas.

Mas o Sr. Nuno que é teimoso, não querendo desmoralisar o seu pessoal higienico escolhido por elle, sustentará todos os bubões, falsos ou verdadeiros, o que dará causa a muitos pratinhos medico-escandalosos de que tanto gostam os nossos esculapios.

Consta-nos, por pessoa bem informada, que o Sr. prefeito está indignado com toda esta patifaria higienica em prejuizo de toda a população, a qual não tem outro fim si não proteger, á custa dos cofres publicos, certos medicos sem merecimento e sem clinica.

CAIPORISMO

Grande reboiço na policia!

O Dr. Brasil Silvado demittiu-se sem querer, publicando uma carta em todos os jornaes, explicando todas as providencias dadas e feitos heroicos por elle praticados durante a gréve em que, como general em chefe das forças empregadas para debelal-a, conseguiu completa victoria.

Segundo o que dá a entender o ex-Che-

fe, o Sr. ministro do Interior nada fez nem deu providencia alguma.

Todos os jornaes mentiram, portanto, quando louvaram o Dr. Epitacio Pessoa pela sua brilhante attitude e acertadas medidas durante os tres dias, em que os cocheiros entenderam vadiar á custa das gambias e da paciencia d'este povinho, que teve de galgar a pé distancias que estava acostumado a percorrer sentado.

Gostosamente inchado com o engrossamento que lhe fez um jornal da tarde, o ex-Exmo. Chefe de policia mandou publicar o dito engrossamento em todos os jornaes, para tornar ainda mais saliente o importante papel que representou.

Isto tambem é demais, disse naturalmente *papá Piter*, lá em Petropolis; e um raio veio fulminar o impagavel chefe, deitando-o por terra.

A grêve fez com que o Sr. Brasil Silva do calçasse as botas e montasse a cavallo.

Agora teve de apêar do seu bucephalo e descalçar as ditas botas.

Realmente, depois dos feitos tão brilhantes que S. Exa. narrou, é muito caiporismo!

BOM NEGOCIO

Si estivesse desoccupado pediria um logar na Repartição da Policia, mas havia de ser na secção em que os cocheiros levam seus cobres para as devidas licenças ou compra de carteiras.

Desejaria por exemplo, occupar o logar de examinador, que rende 60:000\$000 e sem haver exame.

Foi lendo o que publicou o *Jornal do Commercio* na parte editorial e garantindo ser a pura verdade, que lembrei-me de ver se arranjo essa pepineira, caso fique um dia sem emprego.

Eis o que li e que ninguem contestou:

« Todos os cocheiros e carroceiros, dentro de oito dias, após a publicação deste Regulamento no *Diario Official*, deverão vir á inspeccão de Vehiculos rectificar suas matriculas. Para esse fim serão accetitas como validas as cartas de exame até esta data expedidas ».

Leia-se agora o Art. 41:

« O emolumento cobrado para cada exame será assim distribuido: para o cofre da Policia, 5\$; para a autoridade que presidir o acto, 2\$; para o escriptivo que lavrar o termo, 1\$; para o examinador, 3\$; para o inspector geral, 2\$, e para os auxiliares incumbidos da escripturação e agen-

tes incumbidos da fiscalisação dos vehiculos nas ruas e praças, 7\$000.»

« A Policia pretendia cobrar pela rectificação da matricula dos cocheiros, carroceiros etc., já habilitados, os mesmos emolumentos que são obrigados a pagar para o exame de habilitação os pretendentes á matricula, isto é, 20\$ cada um.

Em vista da divisão de taes emolumentos, estabelecida pelo novo Regulamento e computando o numero dos já matriculados em 20\$ (numero inferior á realidade), caberia:

Ao cofre da Policia, 100:000\$; ao 1º delegado, 40:000\$; ao escriptivo, 20:000\$; ao inspector de vehiculos, 40:000\$; aos auxiliares da inspeccão de vehiculos, 140:000\$ ou 28:000\$ para cada um; para o examinador (e não havia exame), 60:000\$000.

Estes dados são bastante eloquentes e dispensam commentarios. Reflectam sobre elles os Srs. Chefe de policia e ministro da Justiça e terão encontrado a causa da parede e os responsaveis por ella.»

Esperamos que o Dr. Eneas Galvão, actual Chefe de policia, enxergará um pouco mais do que o Sr. Brasil Silvado e fazemos votos para que em suas mãos a policia se moralise de uma vez.

Basta de vergonhas!

DR. EDUARDO SILVA

A tal commissão de medicos encarregada de dar parecer sobre as curas praticadas pelo Sr. Eduardo Silva, tem dado prova não só de incapacidade como de pouca seriedade.

O que se lê no jornal *A Imprensa* de 21 e 22 de janeiro, acerca do modo de proceder dos taes doutores, com os doentes que se tratam com o Sr. Silva, é tão vergonhoso e tão ridiculo que si fosse medico seria o primeiro a chamar á ordem a tal commissão e principalmente um tal Sr. Dr. Sá, para que não continue a envergonhar a classe medica, como o está fazendo.

Basta lêr o que se tem passado com o Sr. Rolla e um rapaz chamado Horacio, ambos doentes do Sr. Eduardo Silva, e a tal commissão, para ficar-se indignado contra esta pelo seu modo brutal e estúpido de proceder, devido unicamente á inveja que lhe causa as melhoras que sentem em seu estado de saude os que procuram curar-se de suas molestias sem recorrer aos medicos nem ás drogas officiaes.

E' realmente doloroso de ver que n'uma classe onde se contam medicos distinctos,

que pelo seu saber e pela sua pratica conseguiram curas importantes e merecem a consideração de todos, haja outros que desprestigiam essa classe, chamando sobre ella a odiosidade publica.

O que posso garantir ao tal Sr. Dr. Sá, se tivesse algum doente que quizesse tratar-se com o Eduardo Silva ou com o diabo, é que não seria elle que o impediria.

E si elle tivesse de morrer da molestia, ao menos não seria da cura, como tem acontecido com muitos medicos, que involuntariamente mas legalmente envenenaram seus doentes.

Que a commissão tome juizo e não aborrega os infelizes que procuram de qualquer modo alliviar seus soffrimentos.

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

LARVAS, de Cardoso Junior. Livrinho de versos que ainda não lemos.

INDICADOR Postal Brasileiro, para uso dos empregados postaes da Republica, negociantes e industriaes. Editado pela casa Laemmert & C., que por si só recommenda essa publicação como uma das mais uteis e importantes para o nosso commercio e para todos que entretêm correspondencia por meio dos nossos correios.

O PHILATELISTA Brasileiro. Revista mensal, dedicada aos colleccionadores e negociantes de sellos.

Director e editor o Sr. J. Costa.

O numero 6 d'esta interessante revista já traz estampados os quatro sellos diversos que a Associação do 4º Centenario do Brasil mandou imprimir na bem conhecida lytographia de Luiz Francisco de Pinho, antiga Paulo Robin.

TABELLA para a marcação de curvas de nivel nas plantas de estudos de estradas de ferro, por José Americo dos Santos, engenheiro civil.

Nada entendemos destas cousas, mas basta o nome do autor para recommendar este folheto.

CARAS Y CARETAS n. 67, de Buenos Aires. Cada vez mais honra o adiantamento que ha por lá em jornaes deste genero.

O REMO, n. 6. Folgamos de ver que o collega nautico continúa a remar e muito bem.

OLHOS NEGROS?... Romance para canto. Musica de Nicolino Milano. Soneto de A. Peres. Editores C. Carlos F. Wehrs.

Officina do Jornal do Brasil



O Dr. Americo de Campos.
Distincto jornalista e consul brasileiro em Napoles, Fallecido em 20 de Janeiro nessa cidade